



50 ANOS DA EDITORA PERSPECTIVA (SP) – MOMENTOS DA HISTÓRIA DA CULTURA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Rosangela Patriota
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
patriota.ramos@gmail.com

RESUMO: Este artigo discute os 50 anos da Editora Perspectiva (SP) e a contribuição de sua política editorial para a sociedade brasileira, em seu conjunto, e, em especial, para a área de Ciências Humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Editora Perspectiva – Jacó Guinsburg – História da Cultura

50 YEARS OF PUBLISHER PERSPECTIVE (SP) – MOMENTS OF HISTORY OF CULTURE IN CONTEMPORARY BRAZIL

ABSTRACT: This article discusses the 50 years of Publisher Perspective (SP) and the contribution of its editorial policy for Brazilian society as a whole and, in particular, for the Humanities.

KEYWORDS: Publisher Perspective – Jacó Guinsburg – History of Culture

Para Jacó e Gita Guinsburg

CAMINHOS DO REMEMORAR

O ato de celebrar é, antes de tudo, um gesto no sentido da recordação, seja na trajetória de indivíduos, seja em relação aos fatos/marcos sociais e históricos. No ano de 2015, a atenção desse artigo se volta para uma efeméride que, para os interessados em humanidades e em artes, é repleta de alegrias: os cinquenta anos da Editora Perspectiva.

Nesse sentido, caro leitor, devo confessar, apesar dos estímulos acadêmicos que me fizeram escrever este artigo, as fortes experiências pessoais, por seu turno, exigiram, de minha parte, um forte entrelaçamento entre o abrangente e o singular, dando origem a vários significados que não podem ser simplesmente dissociados.

Com esse intuito, quero relatar episódios que, ao lado da minha narrativa, ilustram a importância e o impacto da Perspectiva na cultura brasileira. Em novembro de 2014, participei da mesa-redonda *Disseminando ideias: editoras, editores e formas de circulação do conhecimento*,¹ composta também pelos colegas Antonio Castillo (Universidad de Alcalá) e Anibal Bragança (Universidade Federal Fluminense). Nela discuti aspectos da trajetória de Jacó Guinsburg como intelectual e editor. Encerradas as apresentações, na hora do debate, o historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior, do Departamento de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, manifestou-se com a seguinte afirmação: “*História da Loucura*, de Michel Foucault, traduzido e editado pela Perspectiva, mudou a minha vida”.

Outro exemplo significativo do impacto da Editora Perspectiva no debate acadêmico e cultural é dado pelo ensaísta e escritor Evando Nascimento no artigo publicado no Caderno Ilustríssima, da *Folha de S. Paulo*, em 23/11/2014, intitulado *Depois de Derrida – retrato de uma obra viva*. O autor, ao mesmo tempo em que discorria sobre a obra do filósofo francês, de quem fora aluno, e acerca das homenagens, em forma de colóquios e de publicações, para recordar os dez anos de seu falecimento, evidenciou como ocorreu a circulação das ideias de Derrida para além das fronteiras francesas.

O Brasil foi pioneiro na tradução de Derrida – antes mesmo da edição de qualquer livro seu nos Estados Unidos, país para onde começou a viajar nos anos 1960, a fim de dar palestras e seminários, e que é em geral considerado o berço da difusão de seu pensamento fora da França.

“A Escritura e a Diferença”, livro de 1967, saiu aqui em 1971, pela Perspectiva. Na recente edição revista e ampliada da obra, sanaram-se problemas da anterior: a linguagem está mais apurada, graças à revisão técnica; e foram acrescentados os três ensaios que haviam sido suprimidos na primeira edição, sem nenhuma justificativa ao leitor, restituindo assim a integridade de “A Escritura e a Diferença” [trad. Maria Beatriz Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho, Perspectiva, 448 págs., R\$ 91].

A segunda tradução brasileira de Derrida, pela mesma editora, foi a de um livro que marcou época: “Gramatologia” [Renato Janine Ribeiro e Miriam Chnaiderman, Perspectiva, 400 págs., R\$ 60]. Publicado na França em 1967, saiu aqui pela primeira vez em 1973, antes, portanto, da edição norte-americana (de 1976), com tradução de Gayatri Spivak.

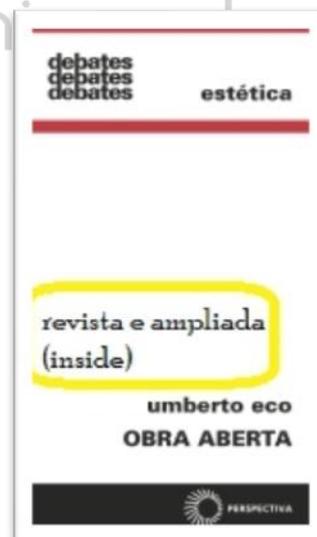
¹ Esta mesa-redonda integrou as atividades acadêmicas do VII Simpósio Nacional de História Cultural – Escritas, Circulação, Leituras e Recepções, promovido pelo GT Nacional de História Cultural, que ocorreu nas dependências da Universidade de São Paulo – USP.

Felizmente, segue em catálogo essa tradução, que é boa – sobretudo se considerarmos que, naquele momento, ainda não se tinha muito conhecimento desse vasto universo, que chegaria aos 80 volumes publicados.²

Por fim, um pouco mais recuado no tempo, mais precisamente, no segundo semestre de 1990, tive o privilégio de assistir à defesa pública do Memorial para Concurso de Professor Titular de Jacó Guinsburg e, dentre todas as intervenções extremamente elogiosas, ainda hoje, guardo na memória as palavras finais do professor Carlos Guilherme Mota: “para mim, é uma grande alegria estar diante daquele que, desde jovem, eu conhecera nos livros como J. Guinsburg!”.

Enfim, cinquenta anos se passaram, desde quando, segundo as palavras do jornalista Paulo Werneck:

Um jovem editor arrecada dinheiro para lançar uma série de livros. Vende mil coleções antes de imprimi-las e funda uma editora decisiva na cultura brasileira. Crowdfunding, uma vaquinha na internet? Cooperativismo editorial? Seria isso, se a história não tivesse começado em 1965, quando Jacó Guinsburg, paulistano nascido na Bessarábia em 1921, lançou a coleção Judaica, o marco zero da editora Perspectiva, que fez a cabeça de fornadas inteiras de universitários brasileiros.[...] Em plena ditadura, um grupo de intelectuais reunidos em torno de Jacó e sua mulher, Gita, realizou a proeza de renovar a bibliografia das ciências humanas, lançando modas intelectuais como a semiótica e um novo jeito de fazer livros no Brasil.³

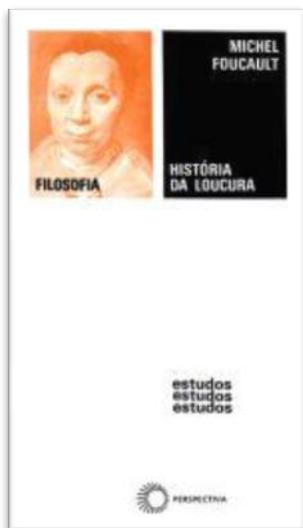


Essas manifestações, no que se refere à ousadia intelectual, são exemplos inequívocos do impacto da Editora Perspectiva na formação de intelectuais brasileiros e também estrangeiros, em especial para aqueles que voltaram seus interesses investigativos para a cultura e para a sociedade brasileira. Porém, como também pode ser observado, é impossível falar da Perspectiva sem antes

² NASCIMENTO, Evando. Depois de Derrida – retrato de uma obra viva. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Ilustríssima, 23 Nov. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/11/1551934-depois-de-derrida---retrato-de-uma-obra-viva.shtml>. Acesso em: 06 Ago. 2015.

³ WERNECK, Paulo. Chega às livrarias milésimo título da editora Perspectiva, que segue focada na vanguarda. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 Jun. 2012. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/06/1295462-chega-as-livrarias-milesimo-titulo-da-editora-perspectiva-que-segue-focada-na-vanguarda.shtml>. Acesso em: 28 Jun. 2013.

voltar as atenções para Jacó Guinsburg, um de seus fundadores e, até hoje, seu editor.



Para mim, devo confessar, escrever e/ou falar sobre J. Guinsburg é sempre trafegar em uma linha tênue entre o lugar histórico adquirido por ele, como professor, tradutor, pesquisador e editor, enfim, a grande referência intelectual que ele se tornou, e o Professor Jacó, que me recebeu em sua sala de trabalho, sentado à sua mesa de trabalho, em cuja parede reinava um retrato de Goethe, no Departamento de Artes Cênicas, da Universidade de São Paulo, nos idos da década de 1980. Por seu intermédio, adquiri certo repertório estético e interpretativo para meus estudos na área de teatro, fruto desses diálogos, de suas magníficas aulas de Estética e, ainda hoje, graças ao privilégio que ele me concede, por meio dos

frequentes contatos que temos, seja pelas prazerosas conversas, seja pelos inúmeros projetos de trabalho que partilhamos. Dito de outra maneira, continuo sorvendo de sua erudição e de seu extremo bom humor para com o mundo e com a vida.

Portanto, estimado leitor, quem escreve esse texto é uma pessoa marcada, em sua juventude, por J. Guinsburg e pelos livros da Perspectiva, com a inconfundível capa branca sobre qual se imprimia o *layout* de cada uma de suas coleções. Mais ainda, ousou dizer que houve uma geração,⁴ do ponto de vista cronológico, que praticamente naturalizou esses volumes em seu cotidiano.

A CIDADE DE SÃO PAULO E JACÓ GUINSBURG – EFERVESCÊNCIAS POLÍTICAS E CULTURAIS

A fim de melhor circunstanciar a minha narrativa e antes de passar a palavra a Jacó Guinsburg, gostaria de apresentar alguns argumentos para compreender um pouco dos primórdios e dos objetivos que motivaram o surgimento da Editora Perspectiva.

⁴ Utilizo o termo geração para me referir a um grupo de pessoas que compartilham certa faixa etária e que tiveram nos livros da Editora Perspectiva um referencial para construção de seu repertório. É claro, sei que historicamente não é possível homogeneizar experiências distintas, mas, nesse caso, indivíduos de diversos segmentos sociais tiveram acesso à leitura e à formação. Daí utilizar “geração” com um corte cronológico.

Como já tive oportunidade de discutir momentos da trajetória de Guinsburg,⁵ aqui, desejo dar ênfase ao seu trabalho como editor e, para isso, não é possível ignorar o impacto de seus espaços de sociabilidade nesse percurso. Com esse intuito, tomo como ponto de partida a cidade de São Paulo e a caracterização que a mesma recebeu do cineasta Glauber Rocha: *São Paulo, no Brasil, é um país estranho como Cultura*.⁶

Por mais curiosa que possa aparecer, tal afirmação diz muito da cidade, fundada em 25 de janeiro de 1554 pelos jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, que se tornou capital do estado e uma das grandes metrópoles mundiais. Situada em um território inóspito, em seus primórdios, acolheu uma população composta por mamelucos, cafuzos e mulatos, resultante da integração entre portugueses (cristão novos e cristãos velhos), indígenas e escravos africanos. Já no século XIX, em virtude das lavouras de café, houve a grande afluência de trabalhadores europeus e, de acordo com o Museu do Imigrante, foram homens e mulheres de mais de sessenta países.

Como é de conhecimento da grande maioria, São Paulo protagonizou um grande impulso industrial e, com isso, passou a acolher, em seu cotidiano, vivências, até então, inéditas como a efervescência do movimento operário, a emergência de segmentos médios e a presença de uma elite cada vez mais sintonizada com debates e com as demandas europeias tanto que, de um lado, a cidade foi palco de acontecimentos como a Greve de 1917, a revista *Klaxon* e a Semana de Arte Moderna, ambas em 1922, por outro lado, foi uma das pilastras fundamentais dos interesses da oligarquia, por intermédio do Partido Republicano Paulista (PRP). Sob esse prisma, múltiplas faces das aspirações da elite paulistana, a pouco e pouco, foram sendo confrontadas pelas demandas de segmentos médios e das classes trabalhadoras.

Entretanto, essas disputas internas, em fins da década de 1920, foram temporariamente sufocadas por embates em nível nacional, quando os acordos políticos tiveram a sua *harmonia* rompida com a quebra do pacto da República Café com Leite, com a deposição de Washington Luiz da presidência do país e com a ascensão, ao poder da República, da Aliança Liberal, que tinha à frente o gaúcho Getúlio Vargas. Os

⁵ PATRIOTA, Rosangela. Momentos da trajetória intelectual e editorial de Jacó Guinsburg. Um capítulo da imigração judaica na história cultural de São Paulo e do Brasil. *Naveg@mérica*, Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas [en línea], n. 11, 2013. Disponible en <<http://revistas.um.es/navegamerica>>.

⁶ ROCHA, Glauber. *Ravina: erro de origem*, 1959. O contato com essa afirmação de Glauber Rocha devo a Alcides Freire Ramos cuja trajetória profissional é exaustivamente dedicada ao estudo da cinematografia brasileira e, em especial, de seus diretores.

acontecimentos de outubro de 1930 que, histórica e historiograficamente, se tornaram conhecidos como Revolução de 1930, abriram novo capítulo na trajetória do Estado de São Paulo.

Os paulistas rebelaram-se contra as determinações do governo Vargas e deram início ao que, posteriormente, se denominou Revolução Constitucionalista de 1932. Derrotados, os bandeirantes renderam-se à vitória das tropas a serviço do Poder Central. Porém, isso não significou abrir mão de seus projetos de nação e de poder para o Brasil. A elite de São Paulo repensou suas estratégias e a união de importantes segmentos deu origem, em 1934, à Universidade de São Paulo (USP) que, indiscutivelmente, redimensionou a produção intelectual brasileira. Ao lado do empreendimento acadêmico, também adquiriu materialidade uma série de iniciativas, no nível cultural e artístico, que se entremeou à produção de conhecimento.

Nesse aspecto, cabe recordar: em 1941, alunos da FFLCH-USP, como Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Ruy Coelho, Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lourival Gomes Machado, fundaram a revista *Clima*. Em 1943, nasceu o Grupo Universitário de Teatro (GUT), sob a direção de Décio de Almeida Prado, assim como em 1940 criaram o Clube de Cinema de São Paulo, fechado pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), porém sobreviveu clandestinamente na residência de Emílio Machado e Lourival Machado. Por fim, no ano de 1946 retornou à vida pública como o segundo Clube de Cinema de São Paulo. A esse grupo, deve-se creditar também, desde 1948, a existência da Escola de Arte Dramática (EAD), através de Alfredo Mesquita, e do Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* entre os anos de 1956 e 1974.

A década de 1940 marcou ainda, com grande ênfase, a forte atuação de imigrantes italianos na vida cultural e artística da capital paulistana. O Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e o Museu de Arte Moderna (MAM) foram fundados, em 1948, respectivamente por Franco Zampari e por Francisco Matarazzo Sobrinho, conhecido por Ciccillo Matarazzo, sendo que ambos, no ano seguinte, deram vida à Companhia Cinematográfica Vera Cruz.

É evidente que a efervescência não se restringiu somente aos grupos sociais mencionados. A cultura dos trabalhadores e das inúmeras comunidades de imigrantes, sem sombra de dúvidas, compuseram o cenário da cidade em relação a espaços de sociabilidade e a práticas culturais e artísticas, assim como propiciaram às diversas

regiões da cidade apreender e a evidenciar a diversidade que, de imediato, aos olhos de quem chega, surge como *um país estranho como Cultura*. Nesse ambiente múltiplo viveu e cresceu Jacó Guinsburg, que chegou ao Brasil, juntamente com a família, em 1924, em uma imigração de origem Asquenazita (Europa Central), decorrente de questões econômicas, para não mencionar o antissemitismo endêmico naquelas regiões. De início, a família Guinsburg viveu na cidade de Santos para, na sequência, transferir-se para a zona norte da cidade de São Paulo, especificamente para o bairro do Bom Retiro.

A vinda para a capital paulistana propiciou a ele vivências em lugares diversos e contato com distintos segmentos. Diante de múltiplas formas de abordagem, quero recordar contatos com livros e ideias.

Inicialmente, as minhas ligações efetivas foram com a literatura e com a política. Quer dizer, eu possuía identificação com certo andamento de uma revolução cultural que perpassava a sociedade. Quando era jovem, como todo mundo, aspirava a uma maior libertação, maior liberdade de costumes, de relações de ordem econômica e social e, é claro, sem esquecer as conquistas no plano individual, pois se deve acrescentar a isso o fato de eu ser judeu e pertencer a um grupo que acabava de passar por uma provação terrível. E é evidente que tínhamos conhecimento disso, e nesse período eu já era uma pessoa com certa consciência política e participei de grupos que lutavam pela renovação. Eu cresci em um meio mais ou menos assim...

Na comunidade havia um grupo progressista muito grande que teve papel importante não só dentro como fora dela, durante e antes da guerra. Aliás, uma parte da história da esquerda brasileira, principalmente em São Paulo, no Rio de Janeiro e na Bahia, foi escrita por militantes originários da imigração. Que eram quem? Italianos, espanhóis, portugueses e judeus e também lituanos. Alemães também. Após as perseguições nazistas, vieram para cá muitos judeus que eram da esquerda alemã. No conjunto, a imigração exerceu um papel relevante na estrutura e no desenvolvimento da organização partidária socialista e comunista. Nela os judeus não foram os únicos, mas, sem dúvida, constituíram uma presença sensível. A formação desse grupo não decorreu exclusivamente das condições locais brasileiras. Como imigrantes trouxeram em sua bagagem as posições e as relações políticas advindas da situação e da crise europeias. Por exemplo, boa parte destes imigrantes eram judeus poloneses ligados ao Partido Socialista Judeu na Polônia, o BUND, ou eram comunistas, trotskistas, ou ainda sionistas de todos os matizes: de esquerda, centro, direita, etc.⁷

⁷ PATRIOTA, Rosângela; GUINSBURG, J. (Orgs.). **J. Guinsburg, a cena em aula**: itinerários de um professor em devir. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 508-509.

As palavras acima permitem que se tenha ciência de outros espaços de cultura e de sociabilidade a partir de uma comunidade, judaica, no sentido de evidenciar de formação de repertório e de estabelecer sintonias com os debates políticos de então. Sob esse prisma, Guinsburg, ao narrar como o ambiente propiciou o florescimento de interesses e o sentimento de fazer parte de um grupo, deu a conhecer práticas nas quais o indivíduo se reconhecia como integrante de uma comunidade sem, com isso, perder seus horizontes particulares.

Agora, a partir da década de 1930, isto é, mais precisamente a partir de meados da década de 1920, no âmbito da coletividade judaica, o grupo de esquerda era o mais ativo politicamente tanto com ações culturais quanto propriamente políticas. Em 1935, época da Intentona Comunista, muitos foram deportados e alguns deles apresentaram-se para lutar na Espanha, na Guerra Civil Espanhola. [...]. Foi nesse contexto que eu cresci, não pela influência de meus pais que não eram politizados, mas pela presença de uma prima e de um primo que eram militantes. Eles, desde cedo, me levaram, quer dizer, me induziram um pouco. Depois, por acaso, eu morava em um prédio, cujo vizinho era um Russo Branco (partidários das forças czaristas representadas pelo Exército Branco, que se opuseram aos bolcheviques e ao Exército Vermelho). Era um médico que tinha um filho comunista, Chipiakov. Em 1934, 1935, quando da Aliança Libertadora Nacional (ALN), o Sérgio já era ativista. Nós morávamos no mesmo andar e acabamos por nos tornarmos amigos. Eu me interessei desde cedo pelo mundo da política, porém com uma militância intermitente, às vezes com momentos mais intensos. Inicialmente no movimento estudantil. Depois, fora dele com certa participação no processo que antecedeu a legalização do PCB, isto é, uma atuação que envolvia a militância pela legalidade e pela organização do Partido. Tudo isso ligado a uma situação pessoal estranha porque eu estava profissional e intelectualmente muito indefinido. Na verdade, eu era militante à custa de meu pai.⁸

A continuidade do recordar revela mais explicitamente os interesses, a ambiência, os debates, o círculo de amigos e a formação de um repertório que, a partir de outras experiências e convívios foi ampliado e ressignificado. Apesar do gosto sempre manifesto pelas humanidades, em especial por história, filosofia e literatura, a escola, como instituição de ensino, nunca motivou J. Guinsburg. Diante disso, não houve opção: como não estava em seus planos ser estudante regular, o único caminho à disposição, naquele momento, foi o da inserção no mercado de trabalho. Iniciou sua jornada, na fábrica, como aprendiz de tecelão e iniciou curso técnico de tecelagem.

⁸ Depoimento de J. Guinsburg concedido a Rosângela Patriota em janeiro de 2008 em São Paulo.

Após algum tempo, transferiu-se para o Rio de Janeiro e, na rua do Catete, empregou-se como vendedor. Exerceu também a atividade de representante comercial.

Posteriormente, retornou a São Paulo onde fixou residência em definitivo. Nesse percurso, novos caminhos se apresentaram. Guinsburg tornou-se jornalista, crítico e, cada vez mais imerso no mundo das letras, em parceria com Edgard Ortiz e Carlos Ortiz fundou a editora Rampa. Esse empreendimento teve vida breve, mas nele foram publicados quatro livros: *Antologia Judaica*, *Jóias do Conto Ídiche*, *Contos de I.L. Peretz* e *A Mãe* de Scholem Asch.

O que é que se pode dizer de uma geração que, na década de quarenta tinha vinte anos? Naquele momento, estava vendo um mundo que nascia da guerra, um mundo que certamente seria diferente; por razões políticas e sociais, a que se estava assistindo, e que se sabia perfeitamente, iria exercer um efeito profundo na vida brasileira. Então, as ligações que estes jovens tinham eram de ordem principalmente política: havia um grande número deles que se lançavam na militância política, procurando justamente estar dentro dessas transformações, ou tentando promovê-las; e, também, tendo uma visão de uma renovação de ordem estrutural e cultural no Brasil. Essa renovação surgia em muitas manifestações: na criação literária, no ensaio, etc. E a ideia era a criação de uma cultura democrática, de uma cultura ampla, de massa. E, mais ou menos, todo mundo que se dedicava a isto tinha este horizonte, claro que com tendências ou com engajamentos políticos e ideológicos diferentes, mas o horizonte era mais ou menos este.

Portanto, o espírito da cultura brasileira começava a se atualizar e absorver todos esses elementos, e foi no meio dessa efervescência que as pessoas da minha geração começaram suas atividades.⁹

Novamente, remeto-me à ideia de *São Paulo como um país estranho no que se refere à cultura*, pois essa expressão talvez seja a mais adequada para traduzir a polifonia produzida em um espaço que congregava tanto as realizações e as expectativas de jovens oriundos da elite intelectual e econômica do estado e do país quanto a diversidade e os projetos de segmentos da juventude de diferentes regiões e países.

A vontade de criar mecanismos para elaborar e difundir práticas culturais, sob distintos aspectos foi, indiscutivelmente o *leitmotiv* para esse período de florescimento da cidade e de seus protagonistas e mais um exemplo dessa efervescência encontra-se na experiência editorial que Jacó Guinsburg viveu depois da Editora Rampa e antes da Perspectiva.

⁹ AMORIM, Sônia Maria de; TREMEL, Vera Helena F. **J. Guinsburg**. São Paulo: COM-ARTE, 1989, p. 38-39. (Editando o Editor; v. 1)

[...] trabalhei na Difusão Europeia do Livro. Creio, não sei se é vaidade minha, na melhor época da Difusão. Foi a época que a Difusão, particularmente, explodiu como editora que trazia algo completamente novo dentro do campo do livro universitário, do livro como especialização temática mais apurada. Basta ver as coleções e as edições que fez. Foram dez anos, entre 1954, mais ou menos, até 1964, fim de 64, quando saí da Difusão. Então você tem, neste momento, como antecessoras a Editora Globo, a Editora José Olympio; subsequentemente o início da Civilização Brasileira, entrando no campo geral, de um lado, e a Zahar e a Difusão, de outro, no caminho do livro universitário. Por quê? Porque a Editora Nacional, naquele momento, quando devia ter efetuado a passagem para o livro universitário, não o fez. Talvez porque o Octalles Marcondes nessa época, já estava envelhecendo, embora ainda fosse bastante atuante. Na verdade, ele começou a se preparar para dar este passo, contratou e planejou coleções, mas não chegou a deslanchar plenamente o processo. E a Difusão e a Zahar lançaram. Quer dizer então que estas duas editoras mais a Civilização apareceram naquele momento com propostas que as colocam na ponta do movimento editorial do período. Uma delas é o livro universitário e foi nele que eu comecei, na Difusão.

A Difusão não foi dirigida por mim; eu era apenas uma espécie de supervisor editorial e também literário, quer dizer, ajudava nesses trabalhos. Mas a meu cargo estava todo o trabalho editorial.

[...] Trabalhei dez anos lá e devo muito a Monteil. Do que eu sei, parte aprendi lá, outra parte nas “editorazinhas” que tive e em outras coisas que fiz. Por que ao mesmo tempo que eu trabalhava na editora, fazia jornalismo e escrevia crítica literária e teatral. Então, tocava muitos “apitos”, sem ter nenhuma especialidade.

Fiquei trabalhando nisso aí e depois então uns amigos meus inventaram que eu devia ser editor (“meu destino era ser editor”).¹⁰



EDITORA PERSPECTIVA – O ENCONTRO ENTRE O CRIADOR E A CRIATURA

Novos horizontes e outra editora com o apoio de amigos. E quem eram os amigos? Anatol Rosenfeld, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman, Sábato Magaldi, entre outros, eram os entusiastas dessa nova empreitada. E, aqui entre nós, caro leitor, quem não se sentiria motivado por esse grupo e pelos desafios dele decorrentes?

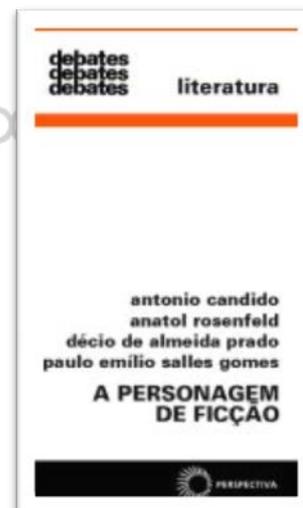
Assim, teve início a grande aventura, inicialmente, empreendida por J. Guinsburg e Moisés Baumstein, que teve todos os ingredientes para morrer no nascedouro, pois a Judaica, coleção projetada para ser entregue após a venda dos volumes (começaria a ser publicada em 1966 e seria concluída entre 1970 e 1971) foi antecedida por outra, de conhecimentos judaicos, idealizada e comercializada pela

¹⁰ AMORIM, Sônia Maria de; TREMEL, Vera Helena F. **J. Guinsburg**. São Paulo: COM-ARTE, 1989, p. 42-43-44. (Editando o Editor; v. 1)

Editora Tradição. Jacó, indiscutivelmente, acusou o golpe. De fato, ele era de grandes proporções, mas quem acompanhou e/ou acompanha a trajetória de J. Guinsburg sabe que o gosto pelo desafio, pelo prazer de fazer as coisas acontecerem é inerente a ele, isto é, sofre o baque, sente-se fragilizado para, no momento seguinte, olhar em frente e discutir alternativas e, nesse episódio, não foi diferente porque:

[...] Foi nesse momento, em 1968, que lançamos a Coleção Debates, que começou com cinco títulos: *Personagem de Ficção, Informação, Linguagem, Comunicação, Obra Aberta, Balanço da Bossa e outras Bossas e Sexo e Temperamento*. Isto foi um pouco antes do Golpe de 68. Embora a Coleção Debates tivesse surgido de uma circunstância difícil, ela estava planejada desde o início. [...] O primeiro livro que lançamos foi do Antonio Candido, do Anatol Rosenfeld, do Décio de Almeida Prado, do Paulo Emílio Salles Gomes – inclusive para marcar uma posição. [...] Foi escolhido “a dedo”. Nosso objetivo era dar espaço à literatura ensaística, à temática de ponta. [...]. Nós nunca tivemos posição de grupo ou posição ideológica marcada. Nosso objetivo sempre foi editar as coisas mais opostas dentro de uma mesma coleção, desde que tivessem qualidade.¹¹

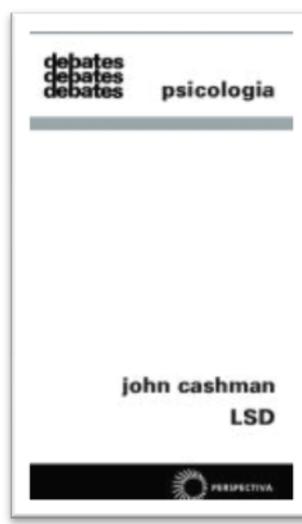
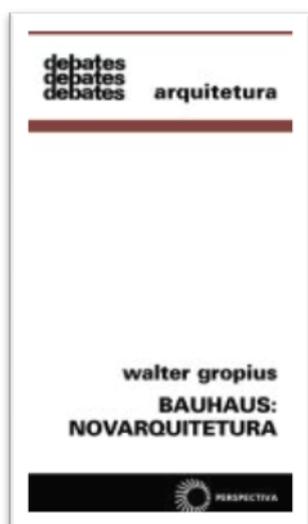
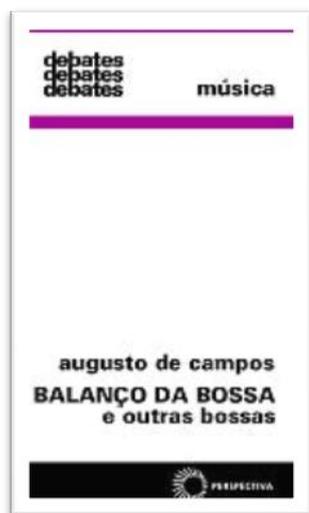
Este livro, além do refinamento intelectual e do diálogo entre distintas linguagens artísticas, possui um caráter simbólico muito grande, na medida em que ele pode ser interpretado como a materialidade da estranheza, observada por Glauber Rocha sobre São Paulo, e, ao mesmo tempo, expressão da polifonia, pois, de um lado, imigrantes que, por diferentes caminhos, fizeram do Brasil e da cidade de São Paulo o seu lugar no mundo e, de outro, representantes da elite paulistana encontraram-se com uma vontade comum: produzir conhecimento, suscitar debates e circular ideias. Assim, para além de todas as possibilidades interpretativas, *A personagem de ficção*, fruto de um curso de pós-graduação, ministrado por Antonio Cândido, exemplifica, de forma elegante e sofisticada, como a diversidade nas formas e as preocupações específicas podem constituir pontos de interesse para reflexões mais abrangentes.



Na sequência, vieram *Informação, linguagem, comunicação* (Décio Pignatari), *Balanço da bossa* (Augusto de Campos), *Obra aberta* (Umberto Eco), *Texto e contexto*

¹¹ AMORIM, Sônia Maria de; TREMEL, Vera Helena F. **J. Guinsburg**. São Paulo: COM-ARTE, 1989, p. 48-49. (Editando o Editor; v. 1)

I (Anatol Rosenfeld), *O sentido e a máscara* (Gerd Bornheim), os primeiros títulos da Coleção *Debates* que, nos dias de hoje, perfaz um total de 336 volumes distribuídos pelos mais variados temas, na medida em que o que marca a aludida coleção é a tratamento original e o caráter ensaístico da proposta. Sob essa premissa estão trabalhos que versam sobre música, teatro, estética antropologia, sociologia, filosofia da ciência, história, teoria da literatura, linguística, arquitetura, crítica, arte, filosofia, etc., e entre seus autores, além dos já mencionados, estão Lívio Tragtenberg, Tzvetan Todorov, Benedito Nunes, Paulo Rónai, John Cashman, Roland Barthes, Martin Buber, Aracy Amaral, Francisco Iglésias, Affonso Ávila, Bóris Schnaiderman, Octavio Paz, Ângelo Maria Ripellino, Walter Gropius, entre vários outros.



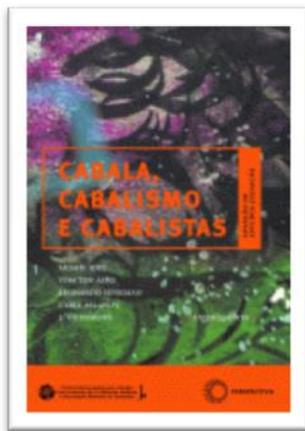


Nas sendas abertas pela Coleção *Debates* outras surgiram. Embora cada uma delas possa, no conjunto, dar ênfase a determinadas abordagens, elas não possuem demarcações bem definidas. Pelo contrário, constroem instigantes interlocuções entre si. Um exemplo do que está sendo dito, pode ser verificado na profícua coleção *Estudos*, um desdobramento das expectativas que motivaram a *Debates*. Porém, enquanto esta última busca, a partir de discussões teóricas e interpretativas, uma sintonia com a contemporaneidade, a primeira, por sua vez, mantém proximidade, no que diz respeito à pesquisa e ao exercício analítico, sem enfrentar embates mais imediatos do tempo presente. Como se verifica em seu catálogo, existem trabalhos e/ou ensaios com perfil mais monográfico, isto é, uma verticalização no tratamento do tema.

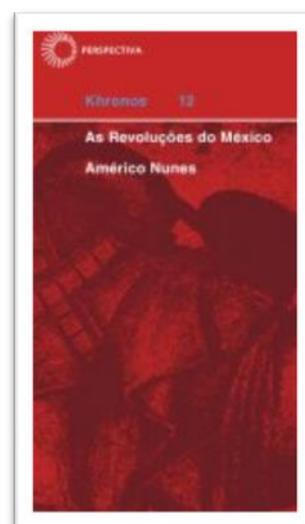
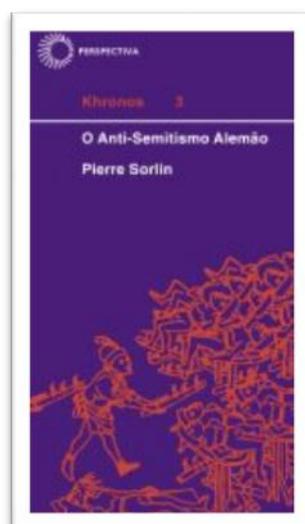
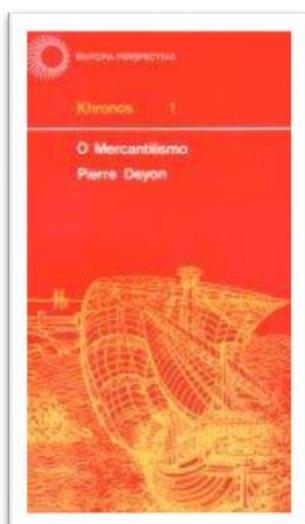
Com esse intuito, a *Estudos* acolheu dois dos mais importantes livros da área de ciências humanas no século XX: *Mimesis* (Eric Auerbach) e *Homo Ludens* (Johan Huizinga). Ao lado deles, estão dissertações de mestrado, teses de doutorado, além de pesquisas realizadas por pesquisadores experientes e consagrados. Para tanto, vale recordar: *João Caetano* (Décio de Almeida Prado), *A economia das trocas simbólicas* (Pierre Bourdieu), *A realidade figurativa* (Pierre Francastel), *As formas do conteúdo* (Umberto Eco), *Mestres do teatro* (John Gassner, 2 volumes), *História da loucura* (Michel Foucault), *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte* (Paulo Emílio Salles Gomes), *Cristãos Novos na Bahia* (Anita Novinsky), *TBC: crônica de um sonho* (Alberto Guzik), *Zumbi, Tiradentes* (Cláudia Arruda Campos), *Nelson Rodrigues* (Sábato Magaldi), *Um teatro da mulher* (Elza Cunha Vincenzo), *História e narração em Walter Benjamin* (Jeanne Marie Gagnebin), *Mito e tragédia na Grécia Antiga* (Jean-

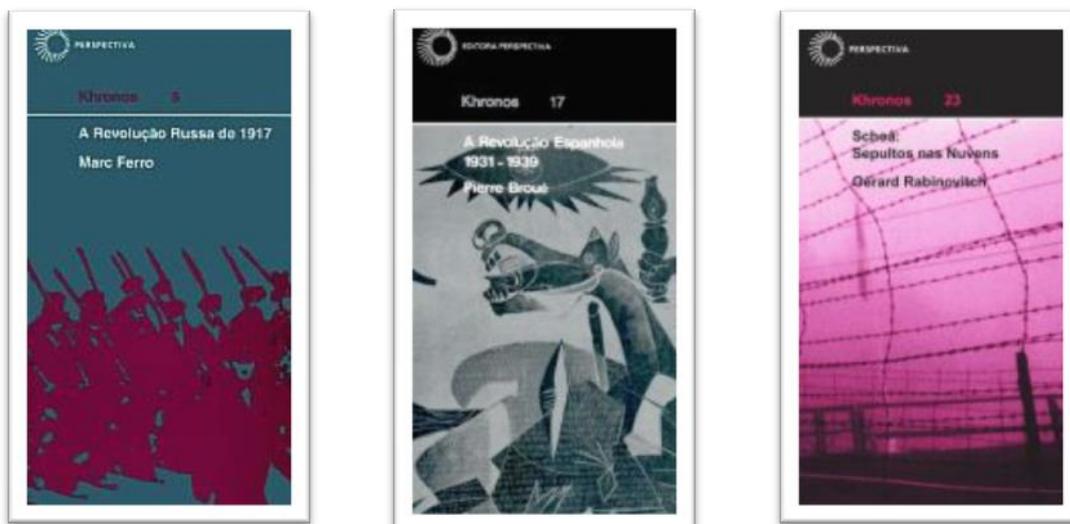
Pierre Vernant), entre tantos títulos de grande importância para a pesquisa acadêmica, propriamente dita, e para a cultura em geral. Aliás, a mesma preocupação encontra-se na coleção *Estudos Judaicos*, assim como na coleção *Judaica*. Apesar de essas duas coleções possuírem temáticas específicas, as suas contribuições para o estudo do pensamento ocidental são significativas.



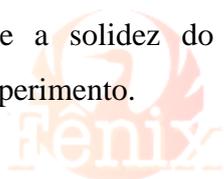


No campo da pesquisa histórica, a coleção *Kronos*, mesmo tendo um número reduzido de títulos, em comparação com as demais, tem entre seus autores nomes como Marc Ferro, Robert Paris, Pierre Deyon, Alice Gérard, Maria Luiza Tucci Carneiro discutindo temas como Revolução Russa, Fascismo, Revolução Francesa, Espontaneidade Revolucionária pelo olhar de Rosa Luxemburgo. Na verdade, trata-se de livros importantes para a formação de uma bibliografia básica, em português, acerca das questões abordadas, pois visam apresentar uma síntese histórica seguida de bibliografia e documentação, ambas comentadas.





Outra coleção de grande estímulo é a *Elos*, criada com o objetivo de acolher ensaios e/ou textos que, muitas vezes, podem soar dissonantes em uma coletânea, mas também não possuem o formato de um livro autoral no padrão das demais coleções. Nesse sentido, a *Elos* propicia ao autor a possibilidade de dar visibilidade a escritos em que a solidez do conhecimento adquirido encontra-se com a ousadia e com o experimento.



www.revistafenix.pro.br





O diálogo com a vanguarda e com percursos originais no nível linguagem criativa constitui o cerne da coleção *Signos* composta pelas transcrições de Trajano Vieira para as tragédias gregas, por instigantes traduções de Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, ao lado de textos ensaísticos e da obra poética de Haroldo e Augusto de Campos, Arnaldo Antunes, Antonio Risério, Vladimir Maiakovski.

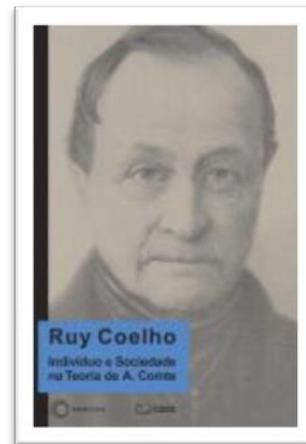


No que se refere ao diálogo com as linguagens, existem também duas coleções voltadas para a história e a linguagem musical: *História da Ópera* e *Signos Música*. A primeira possui onze livros de autoria de Lauro Machado Coelho. Eles formam um conjunto muito interessante voltado para a ópera na Rússia, na França, na Itália, na República Tcheca, nos Estados Unidos, na Alemanha e na Inglaterra. Apesar de constituir um repertório especializado, esses trabalhos destinam-se a todos que se interessam pelo repertório operístico e por essa expressão artística em termos de fruição

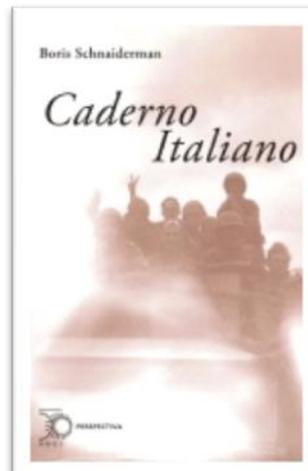
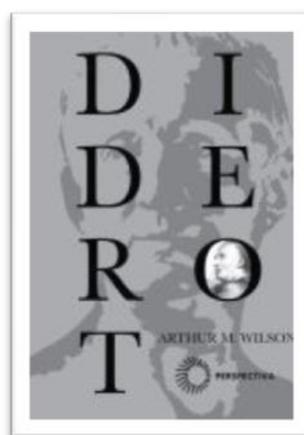
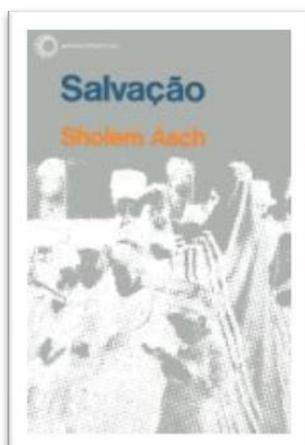
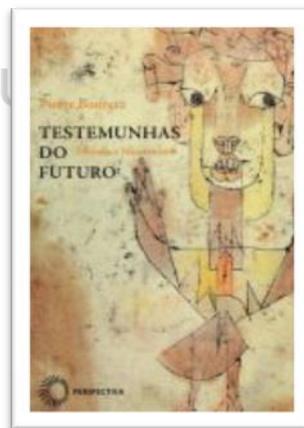
estética. Por sua vez, a segunda, *Signos Música*, tem entre seus autores músicos renomados como Willy Corrêa de Oliveira, Gilberto Mendes, Lívio Tragtenberg, além de nomes como Augusto de Campos e René Leibowitz, que oferecem instigantes mergulhos na história da música, seja no diálogo constituído pela tradição, seja no enfrentamento com a denominada música *de vanguarda*.



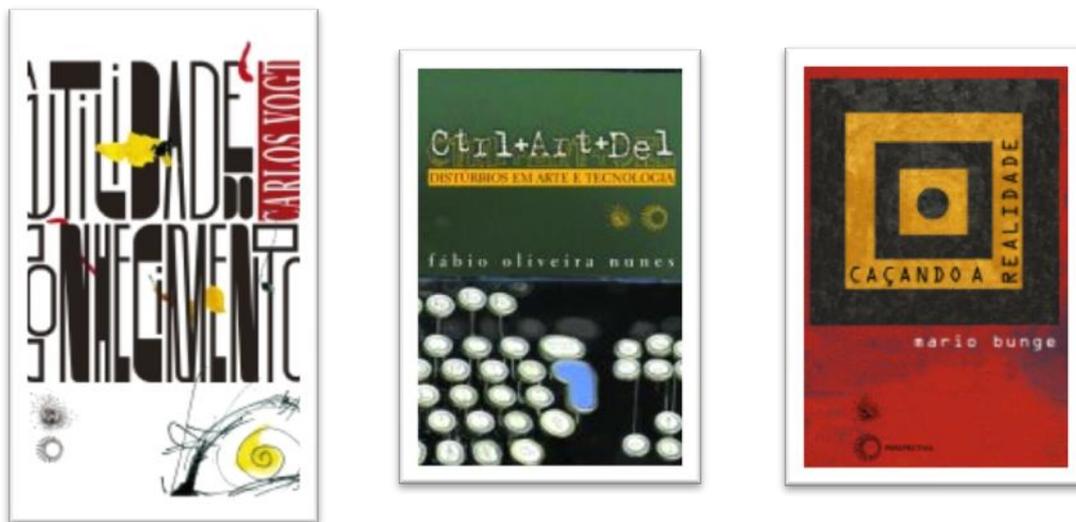
Nesse percurso, deve-se mencionar também as coleções *Obras de Ruy Coelho*, voltada para a edição de livros do renomado sociólogo brasileiro, e *Macunaíma no Palco*, fruto de uma parceria entre a Editora Perspectiva e a Escola-Teatro Macunaíma, que traz a público pesquisas ali desenvolvidas no âmbito das artes cênicas.



Já a coleção *Paralelos* abre espaço significativo para a ficção e para biografias. Por sua vez, *Perspectivas* é o espaço de confluência entre arte, filosofia, biografia, história, entre tantos outros campos de interesse, no qual existe instigante multiplicidade de linguagens e discussões.



Ainda nesse espírito de ampliação de horizontes, mais recentemente passou a integrar o catálogo da Perspectiva a coleção *Big bang* voltada para a filosofia da ciência. Nela há uma dimensão voltada para a tradição do conhecimento científico herdada em sintonia com os desafios do tempo presente.



Para encerrar esse panorama, cabe ainda mencionar a *Stylus* e a *Textos*, mas antes de falar especificamente sobre elas, é preciso ressaltar o seguinte: o leitor que se dispuser a navegar pelo conteúdo dessas coleções (disponível em www.editoraperspectiva.com.br), de fato, irá se surpreender com a riqueza intelectual nelas contida. Entretanto, qual o motivo dessa ressalva?

A justificativa desse parêntesis explica-se porque essas duas coleções inegavelmente demonstram, antes de mais nada, a existência de um projeto intelectual como eixo norteador da Perspectiva, isto é, uma editora com propostas de interlocuções em diferentes campos do conhecimento humano. Sob esse prisma, a coleção *Stylus* é um mergulho sobre estilos artísticos em volumes como *Modernismo* e *Barroco – teoria e análise* (ambos organizados por Afonso Ávila), *O grotesco* (Wolfgang Kaiser), *Maneirismo* (Arnold Hauser), *Do Rocó ao Cubismo* (Wyle Sypher), *O Romantismo*, *O Classicismo*, *O Pós-Modernismo*, *O Expressionismo*, *O Surrealismo* (todos eles sob a organização de Jacó Guinsburg).

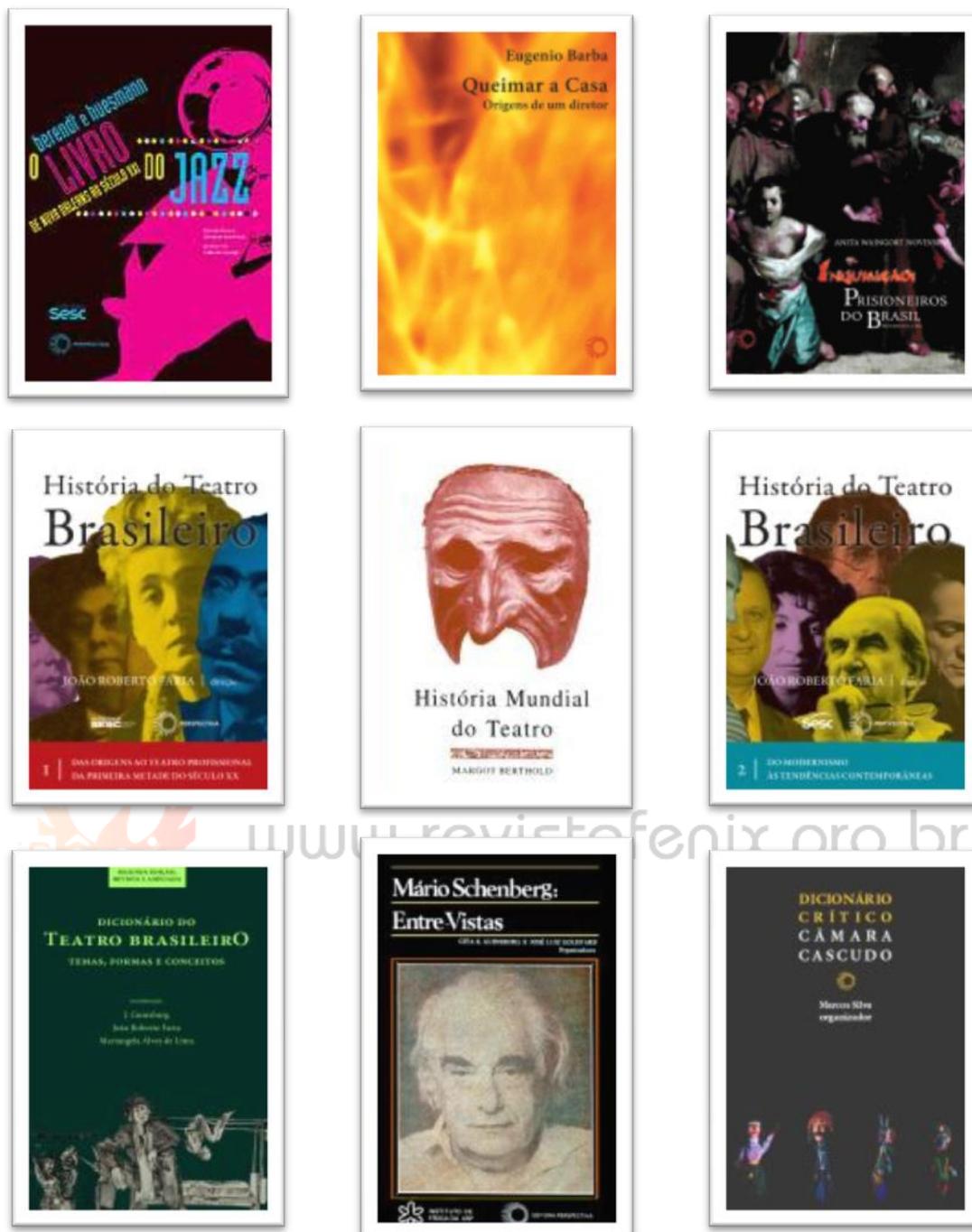


Nesse sentido, se a *Stylus* oferece ao leitor possibilidades de conhecer e debater apreensões históricas e estilísticas acerca da questão estética, a coleção *Textos* é feita, sobretudo, para quem ama os livros e as ideias porque o que se poderia dizer de uma coleção que publicou a obra de Diderot, em sete volumes, os estudos de Spinoza, em quatro volumes, ao lado de escritos de Platão e de reflexões acerca do pensamento de Hegel? Não bastando isso, em *Textos*, encontram-se obras muito bem pensadas e articuladas entre peças teatrais e ensaios sobre as mesmas. Para isso, recordo livros como *Marta, a árvore e o relógio* (Jorge Andrade), *Urgência e Ruptura* (Consuelo de Castro), *Pirandello: do teatro no teatro* (organizado por J. Guinsburg), *Canetti: o teatro terrível* (Elias Canetti), *Heiner Müller* (organizado por Ingrid Dormien Koudela), *Buchner: na pena e na cena* (organizado por J. Guinsburg), *Teatro Completo* (Renata Pallottini), *Luis Alberto de Abreu: um teatro de pesquisa* (organizado por Adélia Nicolete), *Teatro Espanhol do Século de Ouro*, *Tatiana Belinky: uma janela para o mundo* (organizado por Maria Lúcia Pupo). A eles, acrescentem-se edições voltadas para a produção literária como *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial* (organizada por Sérgio Buarque de Hollanda), *Almas Mortas* (Nikolai Gógol), romances como *Hóspede por uma noite* (Sch, I. Agnon, tradução J. Guinsburg), *Tévyve, o leiteiro* (Scholem Aleikheim, tradução J. Guinsburg), além de volumes voltados para a crítica

teatral: *Bárbara Heliadora* (organizado por Cláudia Braga) e *Machado de Assis: do teatro* (organizado por João Roberto Faria).



Não bastando as coleções, a Perspectiva mantém um catálogo de obras independentes, no qual se encontram dicionários, biografias, livros voltados para a pedagogia do teatro e estudos monográficos que recobrem diversas áreas do conhecimento.



Salvo melhor juízo, creio que este sobrevoo sobre as publicações da Editora Perspectiva demonstra, sob inúmeros aspectos, o encontro de uma concepção de cultura, de conhecimento e de tradição, a partir dos alicerces que formaram o repertório intelectual e artístico de Jacó Guinsburg e de seus contemporâneos e esses, evidentemente, em sintonia com as inquietações de uma época

Sem dúvida, a pertinência e a importância das escolhas efetuadas fizeram com a Perspectiva chegasse ao seu cinquentenário em plena sintonia com o leitor contemporâneo, o que, por si só, é um grande feito. Porém, permanecer por meio século no mercado editorial brasileiro, sempre com espírito de renovação, mas sem perder o diálogo com as ideias e as motivações que a originaram, talvez seja o segredo desta jovem senhora.

Sob esse prisma, à medida que a Editora Perspectiva privilegiou a qualidade do texto e o valor que ele é capaz de agregar ao debate intelectual, como seu próprio catálogo demonstra, ela se abriu tanto para diferentes áreas do conhecimento quanto para distintas linguagens. Porém, em meio à diversidade, em algum momento o pêndulo voltou-se para o campo das artes cênicas e, em vista disso, é possível dizer: a Perspectiva é a editora que detêm o mais importante catálogo dedicado aos estudos teatrais no Brasil.

A BIBLIOGRAFIA SOBRE TEATRO NO BRASIL E A CONTRIBUIÇÃO DA EDITORA PERSPECTIVA

Sejam obras clássicas vertidas para o português, sejam estudos de pesquisadores estrangeiros renomados, sejam ensaios de críticos e/ou estudiosos de reconhecimento nacional, sejam teses e/ou dissertações de mestrado defendidas nos mais variados programas de pós-graduação do país, enfim, a pergunta que motiva a publicação geralmente é: contribuem para o desenvolvimento dos estudos teatrais? Se a resposta for afirmativa, o livro será disponibilizado em uma das coleções aqui mencionadas. E, estimado leitor, para nós, apaixonados pelo teatro (artistas, pesquisadores, espectadores), pela ficção e pela capacidade inventiva que o fazer teatral propicia, o coração bate mais forte diante do deslumbrante catálogo que a Perspectiva formou em relação à área de Teatro.

Essa ousadia permitiu a divulgação, em níveis mais amplos, de trabalhos desenvolvidos em universidades brasileiras. Nesse aspecto, é bom que se diga: graças a essas publicações, inúmeros professores e pesquisadores se fizeram conhecidos em suas áreas de atuação, na medida em que, bem antes das redes e das publicações virtuais, as editoras cumpriram e ainda cumprem o papel de dar a conhecer autores e obras em um país de dimensões continentais. Assim, foi por esse caminho que se tornaram referências trabalhos como: *Oficina: do teatro ao te-ato* (Armando Sérgio da Silva),

Zumbi, Tiradentes (Cláudia Arruda Campos), *Um encenador de si mesmo*: Gerald Thomas (Silvia Fernandes), *Natureza e sentido da improvisação teatral* (Sandra Chacra), *O mito e o herói no moderno teatro brasileiro* (Anatol Rosenfeld), entre tantos outros.

Ao lado de trabalhos monográficos, existem volumes que reuniram reflexões de importantes críticos brasileiros. Para além dos já mencionados, merecem destaque: *Exercício Findo* (Décio de Almeida Prado), *Moderna dramaturgia brasileira* (Sábato Magaldi), *Teatro Sempre* (Sábato Magaldi), *Teatro em Foco* (Sábato Magaldi). Essas publicações não só sistematizam textos publicados em jornais e em periódicos como colocam à disposição de jovens pesquisadores importante *corpus* documental.

Cabe mencionar também o esforço empreendido na área da Pedagogia Teatral com os escritos de Viola Spolin e de Ingrid Koudela e, mais recentemente, com a publicação de *Léxico de Pedagogia de Teatro*. Ainda com relação ao teatro, a Perspectiva foi fundamental no estímulo de conhecimento e na divulgação de temas vinculados à cultura russa, em geral. Dentre os inúmeros títulos, cito *O cotidiano de uma lenda: cartas do teatro de arte de Moscou* (Cristiane Layher Takeda), *Maiakóvski e o teatro de vanguarda* (Ângelo Maria Ripellino), *Stanislávski e o teatro de arte de Moscou* (J. Guinsburg), *Inspetor Geral de Gógol, Meyerhold* (Arlete Cavalieri), *Stanislávski, Meyerhold & Cia* (J. Guinsburg), *Na cena do Dr. Dapertutto* (Maria Thaís).

Com esse mesmo espírito formativo, no sentido de propiciar a acessibilidade de um vasto repertório cultural e artístico, a Perspectiva acolheu as traduções/transcrições das tragédias gregas por Trajano Vieira, além das produções de Jacques Copeau (*Apelos*, tradução de Ronaldo Faleiro), Victor Hugo (*Do grotesco ao sublime*).



Enfim, a Editora Perspectiva descortinou para o público leitor brasileiro um mundo de referências e deu contribuições significativas para a circulação de ideias em um esforço em diminuir distâncias entre a publicação de um trabalho no exterior e a sua edição em língua portuguesa.

Nos dias atuais, o mercado brasileiro acolhe uma imensa quantidade de editoras e, dentre elas, algumas com grande poder econômico e forte circulação entre segmentos econômicos e sociais capazes de direcionar expectativas e consumo. Entretanto, mesmo com essa nova agenda e com demandas cada vez mais imediatas, a Perspectiva chega aos seus cinquenta anos e as suas publicações continuam a impactar a formação dos estudantes da área de Ciências Humanas. Aliás, a existência da trajetória

da Editora Perspectiva é imprescindível para que se compreenda aspectos da cultura brasileira a partir da segunda metade do século XX. Mais ainda:

[...] Jacó Guinsburg é o protótipo do editor, em que o projeto é um rumo constante e firme, alguém que detém, como poucos, o conhecimento de produção de livros e o encaixe desta produção na Cultura Brasileira. Também porque a Editora Perspectiva é uma olhada crítica sobre o presente, um fluxo de uma abertura permanente para novos textos, movimentos, trabalhos em curso.¹²

Jacó, ao longo de sua existência, sempre soube, em suas intervenções, destacar qualidades nos temas pesquisados, nos autores e nos textos. Talvez seja esse o segredo de sua atuação como editor e em seu trabalho formativo de novos artistas e/ou pesquisadores. Ele constrói movimentos de articulação entre passado/presente, com vistas a demonstrar que o conhecimento e o repertório artístico e intelectual é algo que se adquire a partir do exercício da crítica e da capacidade de problematizar o seu próprio tempo.

Guinsburg é um homem de cultura e, inegavelmente, o panorama científico e cultural brasileiro não teria as dimensões que possui sem a sua presença, suas reflexões e seu grande projeto intelectual que é a Editora Perspectiva.

O que vou dizer agora já foi dito por mim em outra publicação. Porém, nesse momento, não consigo encontrar outras palavras para encerrar esse texto porque acredito que elas sejam a síntese da minha amizade e de meu afeto por Jacó e Gita Guinsburg e por todos os que fazem da Perspectiva uma casa que sempre acolhe afetuosamente os autores e seus trabalhos.

No aniversário da Editora Perspectiva, os presenteados somos nós que temos Jacó e Gita Guinsburg, exemplos para todos que acreditam na cultura e no conhecimento. Porém, nessas circunstâncias, é lícito agradecer a toda a equipe da Perspectiva: Lúcia, Ivone, Talita, Ricardo, Luíz, Sérgio, Fany, Rochelle, Márcio, Sérgio Gouveia, Marcello Carqueija e a todos que fazem ou fizeram parte dessa história. O que aqui está dito é ínfimo perto das realizações e do lugar intelectual da querida Perspectiva.

Em algum lugar do passado, Bertolt Brecht escreveu: *Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.*

A Editora Perspectiva, seu editor Jacó Guinsburg e Gita Guinsburg são símbolo da luta de uma vida e, para todos os que acreditam nas ideias, eles são *imprescindíveis!*

¹² FERREIRA, Jerusa Pires. Editando o Editor. In: AMORIM, Sônia Maria de; TREMEL, Vera Helena F. J. *Guinsburg*. São Paulo: COM-ARTE, 1989, p. 12. (Editando o Editor; v. 1),

*Vida longa e um brinde aos próximos cinquenta anos!*¹³

ARTIGO RECEBIDO EM 01/08/15. PARECER DADO EM 17/08/15



www.revistafenix.pro.br

¹³ PATRIOTA, Rosângela. Disseminando ideias – projetos – arte – cultura: 50 anos da Editora Perspectiva. **Caixa de Ponto – Jornal do Teatro Brasileiro**. (no prelo).